



SOCIEDADE

Brasil sobe 5 pontos no IDH e está em 84º

País alcançou índice de 0,786 turbinado pelo aumento na renda per capita e por melhorias na saúde. Nos dados relativos a 2023, maior problema continua sendo a educação, cujos indicadores não se alteraram em relação à pesquisa anterior

» FABIO GRECCHI

O Brasil subiu cinco posições no ranking de desenvolvimento humano, atualizado todos os anos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Na tabela que compara os resultados de 193 países, o Brasil aparece ao lado de Palau, na Oceania, na 84ª posição, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,786. O relatório divulgado ontem leva em conta os indicadores relativos a 2023.

Esse resultado, por sua vez, é o maior número alcançado na série histórica e supera o pico conquistado em 2019, último ano antes da pandemia, quando a expectativa de vida estava em 75,81 anos. No caso da renda bruta per capita nacional, subiu de US\$ 17,5 mil para US\$ 18 mil. Os indicadores de saúde também ajudaram no bom desempenho do país.

Mas os números relacionados à educação praticamente não mudaram de 2022 para 2023. A expectativa de anos na escola ficou em 15,79, enquanto os anos de escolaridade seguiram em 8,43. Aliás, os anos de escolaridade estão congelados no Brasil, em 8,43, desde 2021 — bem abaixo dos países com o IDH mais elevados.

No levantamento anterior, que considerava os dados de 2022, o Brasil aparecia na 89ª

Resultado de equação

O IDH considera questões como expectativa de vida, anos de escolaridade e renda per capita. A partir desses números, os pesquisadores fazem uma equação que dá um resultado que varia entre zero e um — e, quanto mais próximo do um, melhor a situação ou o IDH daquele país. “O IDH foi criado para enfatizar que as pessoas e suas capacidades devem ser o critério final para avaliar o desenvolvimento de um país, não apenas o crescimento econômico”, explica o PNUD no site oficial.

posição do ranking. Uma nota de 0,786 no IDH coloca o país numa classificação de desenvolvimento humano considerada “alta”, um pouco acima da média mundial e dos resultados da América Latina e do Caribe.

No entanto, outras nações da região aparecem bem à frente do Brasil. São os casos de Chile (45ª

posição, IDH de 0,878), Argentina (47ª posição, 0,865) e Uruguai (48ª posição, 0,862). O topo do ranking global é liderado por Islândia (0,972), Noruega (0,970), Suíça (0,970), Dinamarca (0,962), Alemanha (0,959) e Suécia (0,959). Por sua vez, as últimas colocações são ocupadas por Sudão do Sul (0,388), Somália

(0,404), República Centro-Africana (0,414), Chade (0,416), Níger (0,419) e Mali (0,419). O Brasil vem apresentando crescimentos no IDH desde o início dos anos 1990 — as únicas três exceções foram em 2015, em 2020 e em 2021. Em 2015, a queda aconteceu na renda bruta per capita e na expectativa de anos

na escola. Já entre 2020 e 2021, os dois primeiros anos da pandemia de covid-19, houve uma redução na expectativa de vida — algo que impactou o mundo todo. De 2022 para 2023, o Brasil avançou em dois dos quatro fatores analisados para o cálculo do IDH. A expectativa de vida ao nascer saltou de 74,87 para 75,85 anos.

Tony Oliveira/Agência Brasília



Educação ainda é o grande problema para o avanço no IDH, muito atrás dos países que lideram o ranking

(0,404), República Centro-Africana (0,414), Chade (0,416), Níger (0,419) e Mali (0,419). O Brasil vem apresentando crescimentos no IDH desde o início dos anos 1990 — as únicas três exceções foram em 2015, em 2020 e em 2021. Em 2015, a queda aconteceu na renda bruta per capita e na expectativa de anos

na escola. Já entre 2020 e 2021, os dois primeiros anos da pandemia de covid-19, houve uma redução na expectativa de vida — algo que impactou o mundo todo. De 2022 para 2023, o Brasil avançou em dois dos quatro fatores analisados para o cálculo do IDH. A expectativa de vida ao nascer saltou de 74,87 para 75,85 anos.

Os outros itens impunham tarefas como preencher dados em cadastros, fazer pagamento, criar senhas com exigências específicas e anexar fotos. Segundo ela, há muitas limitações ainda para se entender os símbolos do mundo digital. “É desafiador para algumas pessoas compreender uma outra

linguagem, ícones, memes, é quase um vocabulário novo, como se tivesse aprendendo a ler chinês”, disse Ana Lucia. O Inaf foi lançado pela primeira vez, em 2001, pelo Ibope e pelo Instituto Paulo Montenegro, quando foi medido pela primeira vez o analfabetismo funcional no Brasil. Na primeira edição, eram 39% de analfabetos funcionais no país. O levantamento foi realizado pela última vez em 2018, quando o índice registrado (29%) foi o mesmo de 2024.

Desaceleração

O relatório da PNUD alerta para a “desaceleração sem precedentes” no desenvolvimento humano. A expectativa era de que o mundo passasse por uma fase de recuperação sólida, depois das perdas relacionadas à pandemia, entre 2020 e 2021. Mas os últimos resultados revelam um “progresso frágil”, com o menor crescimento no IDH desde o início dos anos 1990.

Os dados também revelam que as desigualdades entre países ricos e pobres continuam a aumentar, uma tendência que se consolidou nos últimos quatro anos. “Se em 2024 essa tendência continuar e se tornar o ‘novo normal’, a meta estabelecida para 2030 ficará inalcançável e fará do mundo um lugar menos seguro, mais dividido e mais vulnerável aos choques econômicos e ecológicos”, advertiu Achim Steiner, um dos coordenadores do PNUD.

Mas o estudo da PNUD aponta a inteligência artificial como um caminho para retomar um crescimento sólido nos indicadores do IDH. “Embora a IA não seja uma panaceia, as escolhas que fazemos hoje têm o potencial de reacender o desenvolvimento humano e abrir novos caminhos e possibilidades”, salienta Steiner.

Só 1/4 dos brasileiros têm habilidade digital

Só um em cada quatro brasileiros (23%) de 15 a 64 anos tem altas habilidades digitais, independentemente do seu nível de alfabetismo ou educacional. Essa é uma das conclusões do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) e é a primeira vez que a pesquisa mediu também o alfabetismo no contexto digital.

As dificuldades para lidar com as atividades que envolvem tecnologia aparecem mais entre os que têm mais de 40 anos, mas há problemas até mesmo entre

os jovens. Foram três atividades propostas aos entrevistados: a compra de um tênis, a inscrição em um evento e a busca por filmes em um serviço de streaming — essa última teve o menor índice de acertos (9%) mesmo entre os que têm nível mais alto de alfabetismo.

A partir de uma conversa fictícia com um amigo no WhatsApp, que dizia querer assistir a um documentário específico, o participante precisava acessar a plataforma de streaming e ler três

sinopses para encontrar qual seria a obra sobre a qual estava sendo questionado. Segundo Ana Lucia Lima, diretora da Conhecimento Social e responsável pela pesquisa, a dificuldade maior apareceu na hora de escrever uma mensagem de volta ao amigo fictício, explicando os motivos que o levaram a escolher tal documentário.

“A construção de um texto argumentativo é uma habilidade de letramento. A gente quer entender se o digital ajuda

ou atrapalha as pessoas a funcionar numa sociedade letrada”, observou.

Quantidade de acertos

As três tarefas era respondidas em um celular e tinham, cada uma, 14 atividades do mundo digital. Os níveis de habilidades (baixo, médio e alto) foram definidos a partir da quantidade de acertos. Se a pessoa conseguisse, por exemplo, acessar os filmes no streaming, mas não

explicar de forma compreensível em mensagem de texto a sua escolha, a pesquisa não considerava que ela havia acertado completamente a atividade.

Os outros itens impunham tarefas como preencher dados em cadastros, fazer pagamento, criar senhas com exigências específicas e anexar fotos. Segundo ela, há muitas limitações ainda para se entender os símbolos do mundo digital. “É desafiador para algumas pessoas compreender uma outra

linguagem, ícones, memes, é quase um vocabulário novo, como se tivesse aprendendo a ler chinês”, disse Ana Lucia.

O Inaf foi lançado pela primeira vez, em 2001, pelo Ibope e pelo Instituto Paulo Montenegro, quando foi medido pela primeira vez o analfabetismo funcional no Brasil. Na primeira edição, eram 39% de analfabetos funcionais no país. O levantamento foi realizado pela última vez em 2018, quando o índice registrado (29%) foi o mesmo de 2024.



ALEXANDRE GARCIA

NÃO DEVE SER SURPRESA ALGUMA PARA QUEM VOTOU NUM PRESIDENTE QUE NOMEOU DE NOVO O MINISTRO QUE JÁ HAVIA SAÍDO PELOS MESMOS MOTIVOS EM 2011

O dia da vitória

Meu amigo pós-graduado em estratégia voltou agora de Istambul desiludido com o Brasil. Jogou um balde de água fria nas minhas esperanças, cultivadas nos últimos 80 anos. “A Turquia está muito melhor do que o Brasil”, constatou ele, acrescentando que em muitos aspectos está acima da Europa ocidental.

Segurança pública é ponto alto. Transporte urbano moderno, estradas maravilhosas, trens velozes, educação eficiente, indústria florescente, construção civil aquecida, emprego, excelentes hospitais — bem estar, enfim. Há 30 anos — respondi a ele —, eu destacava apenas as mesquitas, o Bósforo

entre dois continentes e a maravilhosa comida. Agora, ele descobre uma Turquia moderna, a despeito da ditadura que, observa ele, não tem PCC nem inquéritos de fim de mundo.

Sempre é bom comparar para se ter uma referência. Faz mais de 80 anos que ouvi das professoras a frase de Stefan Zweig — “Brasil, país do futuro”. Mas o futuro nunca chega para nós, brasileiros. Subimos um degrau e caímos outro. No mesmo dia em que meu amigo me jogou água fria, eu comentava que o escândalo de R\$ 6 bilhões da Previdência, com roubo institucionalizado de idosos fragilizados, havia decolado para R\$ 90 bilhões.

Não deve ser surpresa alguma para quem votou num presidente que nomeou de novo o ministro que já havia saído pelos mesmos motivos em 2011. No fundo, quem trouxe tudo de novo foram os eleitores que escolheram um já conhecido presidente condenado e descondenado.

Ou os eleitores não gostam do Brasil, ou não gostam de si próprios e de suas famílias. Ou, para não responsabilizá-los totalmente, são apenas enganados. Sinto que está cada vez pior, considerando esses últimos 84 anos que tenho testemunhado, a maioria dos quais como jornalista. Hoje parece

ser o mais desesperançoso dos tempos, principalmente pela ignorância que viceja, a partir de lares que não educam e de escolas que não ensinam. E dos péssimos exemplos dos nossos servidores, ditos autoridades.

Esta semana, fiquei calculando o volume ocupado por notas, no total de R\$ 30 mil, que possam caber num porta-luvas de um SUV Jeep de um desembargador, juiz do Tribunal de Justiça de Mato Grosso. O dinheiro só pode ser de venda de sentença, já que não pode circular por banco. Pena para juiz venal deveria ser decuplicada, mas em geral é prêmio de aposentadoria antecipada.

Isso não escandaliza a mídia nem o povo que, passivamente, vive aquilo que nos dá fama na Turquia: carnaval, futebol, praia e... não vou escrever o pior, envergonhado. Nossos melhores valores são abafados por legiões de medíocres que promovem a igualdade por baixo. A ideologia oficial se resume em manter pobres os pobres, carentes os necessitados, porque só assim pode dominar seus votos. O que estelionatários fizeram com pensionistas e aposentados fragilizados, políticos fazem ao explorar a falta de conhecimento de milhões. Por isso, os mantêm assim.

E viva o Bolsa Família! O pró-

prio Lula já confessou, publicamente, que quem sobe na vida deixa de votar no PT. Por isso tratam de conservar o proletariado para manter o poder. E o poder serve à nomenclatura, graças ao povo massa de manobra eleitoral. Muito semelhante ao que se praticava na União Soviética, cujas glórias bélicas Lula festeja dia 9, em Moscou, esquecendo de depositar flores, um dia antes, no monumento aos que morreram pela vitória brasileira do dia 8.

Na URSS, a vitória significou a permanência do ditador Stalin. No Brasil, a vitória derrubou o ditador Vargas. Lula preferiu comemorar lá.